

III Conferência

A REALIDADE DO INVISÍVEL

Se nos pedissem para caracterizar a vida da religião no sentido mais amplo e mais geral possível, poderíamos dizer que ela consiste na crença de que existe uma ordem invisível, e que o nosso bem supremo reside em ajustarmos-nos harmoniosamente a ela. Essa crença e esse ajustamento são a atitude religiosa da alma. Desejo, durante esta hora, chamar-lhes a atenção para algumas peculiaridades psicológicas de uma atitude como essa, de crença num objeto que não podemos ver. Todas as nossas atitudes, morais, práticas ou emocionais, bem como as religiosas, devem-se aos "objetos" da nossa consciência, às coisas que acreditamos existirem, seja real, seja idealmente, junto de nós. Tais objetos podem estar presentes aos nossos sentidos, ou podem estar presentes apenas ao nosso pensamento. Em qualquer um desses casos, eles provocam em nós uma *reação*; e a reação produzida por coisas do pensamento é, notoriamente, em muitos casos, tão forte quanto a produzida por presenças sensíveis. Pode ser até que seja mais forte. A lembrança de um insulto talvez nos deixe mais zangados do que nos deixou o próprio insulto quando o recebemos. Ficamos freqüentemente mais envergonhados de nossas cingadas depois de cometidas do que no momento de cometê-las; e, em geral, toda a nossa vida prudencial e moral mais elevada estriba-se no fato de podermos as sensações materiais realmente presentes ter uma influência mais fraca sobre a nossa ação do que as idéias de fatos mais remotos.

Os homens conhecem os objetos mais concretos da religião, as divindades que adoram, apenas em idéia. Foi concedida, por exemplo, a poucos crentes cristãos uma visão sensível do seu Salvador; embora tantos aparecimentos dessa sorte estejam registrados, como exceção milagrosa, que lhes daremos atenção mais tarde. Toda a força da religião cristã, portanto, na medida em que a crença nas personagens divinas determina a atitude predominante do crente, é exercida, em geral, por meio de idéias puras, para as quais nada na experiência passada do indivíduo serve diretamente de modelo.

Mas em adição às idéias dos objetos religiosos mais concretos, a religião está cheia de objetos abstratos que mostram um poder igual. Os atributos de Deus como tais, sua santidade, sua justiça, sua misericórdia, sua incondicionalidade, sua infinidade, sua onisciência, sua tri-idade, os vários mistérios do processo redentor, a ação dos sacramentos, etc., revelaram-se férteis mananciais de inspiradora meditação para os crentes cristãos.¹ Vere-

1. Exemplo: "Tenho recebido muito conforto ultimamente ao meditar sobre as passagens que mostram a personalidade do Espírito Santo, e como é distinto do Pai e do Filho. Trata-se de um assunto que requer muita paciência para ser aprofundado mas que,

de uma prece bem-sucedida, ou da contemplação das supremas verdades divinas. Espera-se que tais contemplações (e a expectativa é fartamente corroborada, como também veremos) influam na atitude subsequente do crente, de maneira muito poderosa, para o bem.

Emanuel Kant tinha uma doutrina curiosa a respeito dos objetos de crença como Deus, o plano da criação, a alma, sua liberdade e a vida futura. Essas coisas, dizia, não são propriamente objetos de nenhum conhecimento. Nossas concepções requerem sempre um conteúdo sensorial para podermos trabalhar com elas, e como as palavras "alma", "Deus", "imortalidade", não cobrem nenhum conteúdo sensorial distintivo, disso se segue que, teoricamente falando, estas palavras são destituídas de qualquer significação. No entanto, por estranho que pareça, elas têm um significado definido *para a nossa prática*. Podemos agir *como se* existisse Deus; sentir *como se* fôssemos livres; considerar a Natureza *como se* ela andasse cheia de propósitos especiais; fazer planos *como se* devêssemos ser imortais; e verificamos então que essas palavras determinam uma genuína diferença na nossa vida moral. Nossa fé *em que* tais objetos ininteligíveis realmente existem revela-se assim um equivalente integral, *in praktischer Hinsicht*, como diz Kant, ou seja, do ponto de vista da nossa ação, do conhecimento do *que* eles poderiam ser, caso nos fosse permitido concebê-los positivamente. Assim sendo, temos o estranho fenômeno, assegura-nos Kant, de uma mente que acredita com toda a sua força na presença real de uma série de coisas, das quais não lhe é dado formar noção alguma, seja ela qual for.

Meu objetivo ao recordar assim a doutrina de Kant à mente dos senhores não é expressar uma opinião relativa à exatidão dessa parte especialmente abstrusa da sua filosofia, mas tão-só ilustrar a característica da natureza humana que estamos considerando, com um exemplo tão clássico em sua exageração. O sentimento de realidade pode, de fato, ligar-se de maneira tão robusta ao nosso objeto de crença que toda a nossa vida é polarizada de fio a pavio, por assim dizer, pelo sentido que damos à existência da coisa em que acreditamos, embora dificilmente possamos dizer que essa mesma coisa, para a finalidade de uma descrição definida, está presente na nossa mente. É como se uma barra de ferro, sem tato nem vista, sem nenhuma faculdade representativa, pudesse, apesar disso, ser vigorosamente dotada da capacidade de perceber a energia magnética; e como se, ao despertar do seu magnetismo pela atividade ou inatividade de outros ímãs ao seu redor, pudesse ser conscientemente determinada a assumir atitudes e tendências diversas. A barra de ferro nunca poderia dar aos senhores uma descrição exterior dos agentes que tinham o poder de afetá-la com tanta força; entretanto, estaria inteiramente consciente, através de cada fibra do seu ser, da presença e da importância deles para a sua vida.

Não são apenas as Idéias da Razão pura, como Kant gostava de denominá-las, que têm o poder de fazer-nos sentir vitalmente presenças que não conseguimos descrever com suficiente clareza. Todas as espécies de

depois de compreendido, nos proporciona um sentido muito mais verdadeiro e vivo da plenitude da Divindade e da sua obra em nós e para nós do que quando apenas pensamos no espírito em seu efeito sobre nós." Augustus Hare: *Memorials*, i, 244, Maria Hare para Lucy H. Hare.

abstrações superiores trazem consigo o mesmo tipo de atração impalpável. Lembrem-se dos trechos de Emerson que li em minha última conferência. Todo o universo de objetos concretos, tais como os conhecemos, não só para um escritor transcendentalista como ele, mas também para todos nós, navega num universo mais amplo e mais alto de idéias abstratas, que lhe emprestam sua significação. Assim como o tempo, o espaço e o éter penetram todas as coisas, assim (sentimo-lo) a bondade, a beleza, a força, a importância, a justiça abstratas e essenciais penetram todas as coisas boas, fortes, importantes e justas.

Tais idéias, e outras igualmente abstratas, formam o substrato de todos os nossos fatos, o manancial de todas as possibilidades que concebemos. Elas emprestam sua "natureza", como lhe chamamos, a cada coisa especial. Tudo o que conhecemos é o "que é" porque partilha da natureza de uma dessas abstrações. Nunca poderemos olhar diretamente para elas, pois não têm corpo, nem traços, nem pés, mas captamos todas as outras coisas por meio delas e, no trato com o mundo real, nós nos vertimos impotentes na exata medida em que perdêsemos esses objetos mentais, esses adjetivos, advérbios, predicados e chaves de classificação e concepção.

A determinabilidade absoluta da nossa mente por abstrações é um dos fatos cardiais da nossa constituição humana. Embora nos polarizem e magnetizem, voltamo-nos para elas, apartamo-nos delas, procuramo-las, agarremo-las, odiamo-las, abençoamo-las, exatamente como se fossem outros tantos seres concretos. E seres elas são, seres tão reais no reino que habitam quanto as coisas mutáveis dos sentidos o são no reino do espaço.

Platão fez uma defesa tão brilhante e notável desse sentimento humano comum que a doutrina da realidade dos objetos abstratos tem sido conhecida, desde então, como a teoria platônica das idéias. A Beleza abstrata, por exemplo, é para Platão um ser individual perfeitamente definido, do qual o intelecto se dá conta como de algo adicional a todas as belezas percebidas da terra. "A verdadeira ordem pela qual se deve proceder", diz ele, no trecho amíúde citado do seu "Banquete", "é usar as belezas da terra como degraus que transpomos em busca da outra Beleza, passando de uma a duas, de duas a todas as formas belas, e das belas formas para as belas ações, e das belas ações para as belas noções, até que das belas noções chegamos à noção da Beleza absoluta e, por fim, conhecemos o que é a essência da Beleza."² Em nossa última conferência, vislumbramos o modo com que um escritor platonizante como Emerson pode tratar a divindade abstrata das coisas, a estrutura moral do universo, como fato digno de adoração. Nas várias igrejas sem Deus que hoje se espalham pelo mundo sob o nome de sociedades éticas, temos um culto similar do divino abstrato, da lei moral considerada como objeto final. Em muitas mentes, a "ciência" está tomando o lugar da religião. Onde isso acontece, o cientista trata as "Leis da Natureza" como fatos objetivos que devem ser reverenciados. Uma escola brilhante de interpretação da mitologia grega sustentava que, em sua origem, os deuses gregos eram apenas personificações semimetáforicas das grandes esferas de lei e ordem abstratas em que o mundo natural se divide - a esfera do céu, a esfera do oceano, a esfera da terra, e quejandas; exatamente como, mesmo agora, podemos falar no sorriso da manhã, no beijo da brisa ou na mordida do frio,

2. *Symposium*, Jowett, 1871, i, 527.

sem na verdade querer significar com isso que tais fenômenos da natureza ostentem realmente um rosto humano.³

No que concerne à origem dos deuses gregos, não precisamos agora formar uma opinião. Mas todo o rol de nossos exemplos leva a uma conclusão parecida com esta: É como se houvesse na consciência humana em *sentido de realidade, um sentimento de presença objetiva, uma percepção* do que podemos chamar "*alguma coisa ali*", mais profunda e mais geral do que qualquer um dos "sentidos" especiais e particulares pelos quais a psicologia atual supõe que as realidades existentes são originalmente reveladas. Se tal fosse o caso, poderíamos cuidar que os sentidos nos despertam as atitudes e o comportamento, como habitualmente o fazem, excitando primeiro o sentido da realidade; mas qualquer outra coisa, qualquer idéia, por exemplo, capaz de excitá-lo, teria as mesmas prerrogativas que os objetos dos sentidos normalmente possuem de parecerem reais. Na medida em que as concepções religiosas fossem aptas a tocar esse sentimento da realidade, seriam cridas a despeito da crítica, ainda que fossem tão vagas e remotas a ponto de serem quase inimagináveis, ainda que pudessem ser não-entidades do ponto de vista da *natureza essencial* como Kant quer que sejam os objetos da sua teologia moral.

As provas mais curiosas da existência de um sentido não-diferenciado como esse encontram-se nas experiências de alucinação. Acontece muitas vezes que uma alucinação é imperfeitamente desenvolvida: a pessoa afetada sente uma "presença" na sala, localizada com precisão, voltada para uma direção determinada, real no sentido mais enfático da palavra, que não raro surge de repente, tão de repente como desaparece; e, todavia, não vista, não ouvida, não tocada, não cognoscida de nenhuma das maneiras "sensíveis" habituais. Permitam-me dar-lhes um exemplo disso, antes de passar para os objetos cuja presença mais interessa à religião.

Um íntimo amigo meu, um dos intelectos mais agudos que conheço, teve diversas experiências desse tipo. Ele escreve o seguinte em resposta às minhas indagações:

"Senti várias vezes, nos últimos anos, a chamada 'consciência de uma presença'. As experiências que tenho em mente são claramente distinguíveis de outro tipo de experiência que me têm ocorrido com muita frequência, e às quais imagino que muitas pessoas também chamariam 'consciência de uma presença'. Mas a diferença, para mim, entre as duas séries de experiências é tão grande quanto a diferença entre sentir um leve calor que vem não sei de onde e ficar no meio de uma conflagração com todos os sentidos comuns alertas.

"Foi por volta de setembro de 1884 que tive a primeira experiência. Na noite anterior eu experimentara, depois de ir para a cama em meus aposentos no College, uma vívida alucinação tátil de ser agarrado pelo braço, que me fez levantar e vasculhar o quarto à procura de um invasor; mas o sentido de presença propriamente dito apareceu na noite seguinte. Depois de enfiar-me na cama e apagar a vela, fiquei acordado pensando na experiência da noite anterior, quando, de repente, *seniti* alguma coisa entrar no quarto e aproximar-se da minha cama. Ali ficou apenas um ou dois minutos. Não a reconheci por nenhum dos sentidos comuns e, no entanto, havia uma 'sensação' horrivelmente desagradável ligada a

3. Exemplo: "A Natureza é sempre tão interessante, seja qual for o aspecto por que se mostra, que, quando chove, tenho a impressão de ver uma bela mulher chorando. E ela parece tanto mais bela quanto mais aflita se apresenta". B. de St. Pierre.

ela. Mexeu mais com as raízes do meu ser do que qualquer percepção ordinária. A sensação tinha o que quer que fosse da qualidade da dor vital de uma dilaceração muito grande, que se espalhava principalmente pelo peito, mas por dentro do organismo — e, contudo, não era tanto de dor quanto de *aversão*. Fosse como fosse, alguma coisa se achava presente, ao meu lado, e conheci-lhe a presença muito mais seguramente do que jamais conheci a de alguma criatura viva de carne e osso. Tive consciência da sua partida como a tivera da sua chegada: e quase instantaneamente um rápido atravessar a porta e a 'sensação horrível' desapareceu.

"Na terceira noite, quando me recolhi, eu tinha a mente absorta em algumas conferências que estava preparando, e ainda me achava entretido com elas quando dei tento da presença real (se bem não lhe tivesse percebido a *vinda*) da coisa que lá estivera na noite anterior, e da 'sensação horrível'. Concentrei então, mentalmente, todos os meus esforços no sentido de ordenar àquela 'coisa', se fosse má, que sáisse e, se não fosse má, que me dissesse quem ou o quê era e, se não pudesse explicar-se, que se fosse, pois eu a obrigaria a partir. Tudo aconteceu como na véspera, e meu corpo logo recuperou o estado normal.

"Em duas outras ocasiões em minha vida tive precisamente a mesma 'sensação horrível'. De uma feita, durou um quarto de hora inteiro. Nos três casos, a certeza de que no espaço exterior havia *alguma coisa* foi indescritivelmente *mais forte* do que a certeza comum de termos companhia quando estamos próximos de pessoas vivas. Essa alguma coisa parecia vizinha de mim, e intensamente mais real do que qualquer percepção ordinária. E embora eu a sentisse parecida do comigo, por assim dizer, ou definida, pequena, angustiada, não a reconheci como nenhum ser ou coisa individual."

Claro está que uma experiência dessa ordem não se liga à esfera religiosa. Em certas ocasiões, todavia, pode fazê-lo; e o mesmo correspondente me informa que em mais de uma conjuntura experimentou o sentido de presença desenvolvido com intensidade e repentinidade iguais, com a diferença de que, então, o acompanhava uma espécie de alegria.

"Não era a simples consciência de alguma coisa ali, senão fundida na felicidade central dela, uma surpreendente consciência de algum bem inefável. Nada de vaga, nada como o efeito emocional de algum poema, ou cena, ou flor, ou frase musical, mas o conhecimento seguro da próxima presença de uma espécie de pessoa poderosa e, depois que ela se foi, persistiu a lembrança como a única percepção da realidade. Tudo o mais pode ser sonho, mas isso, não."

O meu amigo, por estranho que pareça, não interpreta essas últimas experiências teisticamente, como se significassem a presença de Deus. Mas é evidente que não teria sido desnatural interpretá-las como revelação da existência da divindade. Quando chegamos ao assunto do misticismo, temos muito mais para dizer a esse respeito.

Para que a estranheza dos fenômenos não desconcerte os senhores, abalancar-me-ei a ler-lhes um par de narrativas semelhantes, muito mais curtas, apenas para mostrar que estamos lidando com um tipo de fato natural bem marcado. No primeiro caso, que extraio do "*Journal of the Society for Psychical Research*", o sentido de presença desenvolveu-se numa alucinação distintamente visualizada — mas deixo de lado essa parte da história.

"Eu estava lendo", diz o narrador, "havia uns vinte minutos, absorto na leitura, com a mente perfeitamente serena, e já me esquecera dos amigos, quando, a súbitas, sem um aviso, todo o meu ser pareceu estimulado ao mais alto

estado de tensão ou plena consciência, e percebi, com uma intensidade que os que nunca experimentaram a mesma sensação não compreenderão com facilidade, que outro ser ou presença não somente se encontrava no quarto mas também perto de mim. Larguei o livro e, posto que a minha excitação fosse grande, senti-me perfeitamente senhor de mim e sem consciência de nenhuma sensação de medo. Sem mudar de posição e com os olhos fitos no lume, conheci que meu amigo A. H. estava de pé, junto ao meu ombro esquerdo, mas tão para trás que ficava escondido pela poltrona em que eu me sentara. Movendo os olhos ligeiramente, sem aliás mudar de posição, a porção inferior de uma perna tornou-se-me visível, e reconheci instantaneamente o material azul-cinzentado das calças que ele usava com frequência, embora o pano parecesse semitransparente, com uma consistência que me recordava a da fumaça de um cigarro ou cachimbo"⁴ — e disso nasceu a alucinação visual.

Outro informante escreve:

"A noite mal começara quando acordei. ... Tive a impressão de haver sido despertado de propósito e, a princípio supus que alguém estivesse entrando na casa. ... Virei-me, então, de lado para voltar a dormir; imediatamente, senti a consciência de uma presença no quarto e, embora seja estranho dizê-lo, não era a consciência de uma pessoa viva, mas de uma presença espiritual. Isso talvez provoque riso, mas só posso narrar-lhes os fatos como estes me ocorreram. Não conheço maneira melhor de descrever minhas sensações do que afirmar simplesmente que senti a consciência de uma presença espiritual. ... Senti também, ao mesmo tempo, forte sensação de medo supersticioso, como se algo estranho e pavoroso estivesse para acontecer."⁵

O Professor Flourmoy de Genebra dá-me o seguinte depoimento de uma amiga sua, uma dama, que tem o dom da escrita automática ou involuntária:

"Toda vez que pratico a escrita automática, o que me faz sentir que isso não se deve a um eu subconsciente é a sensação que sempre tenho de uma presença estranha, fora do meu corpo. Está, às vezes, tão definitivamente caracterizada que eu poderia apontar para a sua posição exata. É impossível descrever essa impressão de presença. Varia de intensidade e clareza de acordo com a personalidade da qual a escrita professa vir. Se é alguém que amo, sinto-o imediatamente, antes que comece a escrita. Meu coração parece reconhecê-lo".

Num dos meus livros anteriores citei integralmente um caso curioso de presença sentida por um cego. A presença era a da figura de um homem de barba grisalha, que vestia um terno de mescla, espremia-se debaixo da frincha da porta e movia-se pelo chão da sala na direção de um sofá. O cego dessa quase alucinação é um repórter excepcionalmente inteligente. Inteiramente destituído de imagens visuais internas, não pode representar para si mesmo nem luz nem cores, e é certo que os seus outros sentidos, audição, etc., não estavam envolvidos nessa falsa percepção. Parece ter sido antes uma concepção abstrata, com as sensações de realidade e exterioridade espacial diretamente ligadas a ela — em outras palavras, uma *idéia* plenamente objetivada e exteriorizada.

Tais casos, a par de outros que seria demasiado tedioso citar, parecem provar à saciedade a existência, em nosso mecanismo mental, de um sentido

4. *Journal of the Society for Psychical Research*, fevereiro de 1895, pág. 26.

5. E. Gurney. *Phantasms of the Living*, i, 384.

da realidade presente mais difundido e geral do que aquele que os nossos sentidos especiais nos fornecem. Para os psicólogos, a definição da sede orgânica de um sentimento dessa natureza constituiria um belo problema — nada poderia ser mais natural do que ligá-lo ao sentido muscular, à sensação de que os nossos músculos estão se nervando para a ação. O que quer que assim nos inervasse a atividade, ou “deixasse arrepiada a nossa pele” — são os nossos sentidos que o fazem com maior frequência — poderia então parecer verdadeiro e presente, ainda que fosse apenas uma idéia abstrata. Mas não nos interessam conjecturas vagas dessa natureza, pois o nosso interesse visa mais à faculdade do que à sua sede orgânica.

Como todas as afeições positivas de consciência, o sentido da realidade tem o seu oposto negativo na forma de uma sensação de irrealidade que pode perseguir as pessoas, e a cujo respeito, de vez em quando, ouvimos queixas:

“Quando reflito no fato de que apareci por acidente num globo que gira, céleste, através do espaço à mercê das catástrofes dos céus”, diz a Sra. Ackermann; “quando me vejo cercada de seres tão efêmeros e incompreensíveis como eu, todos os quais, excitadíssimos, perseguem quimeras vãs, experimento a estranha sensação de viver num sonho. Parece-me que amei e sofri e que dentro em pouco morrerei, num sonho. Minha última palavra será: ‘Sonhei.’”⁶

Em outra conferência, veremos que, na lipemania, esse sentido da irrealidade das coisas pode converter-se num sofrimento opressivo e até conduzir ao suicídio.

Podemos agora admitir como certo que na esfera puramente religiosa da experiência, muitas pessoas (não podemos dizer quantas) possuem os objectos da sua crença, não na forma das meras concepções que seus intellectos aceitam por verdadeiras, mas em forma de realidades quase sensíveis, directamente apreendidas. Assim como flutua o seu sentido da presença real desses objectos, assim oscila o crente entre o calor e a frieza em sua fé. Outros exemplos mostrarão ao leitor, mais que uma descrição abstrata, que isso é evidente e, portanto, passo incontinenti a citar alguns. O primeiro exemplo, negativo, deplora a perda do sentido em apreço. Tirei-o de um relato que um homem de ciência, meu conhecido, me fez de sua vida religiosa. Segundo me parece, ele mostra claramente que o sentido da realidade pode ser algo mais parecido com uma sensação do que com uma operação intellectual propriamente dita.

“Entre os vinte e os trinta anos fui me tornando, gradativamente, mais e mais agnóstico e irreligioso, mas ainda assim não posso dizer que tivesse perdido, algum dia, a ‘Consciência indefinida’, que Herbert Spencer descreve tão bem, de uma Realidade Absoluta por detrás dos fenómenos. Para mim, essa Realidade não era o puro Incognoscível da filosofia de Spencer pois, se bem eu tivesse cessado de erguer minhas orações infantis a Deus, e nunca rezasse para *Ele* de maneira formal, minha experiência mais recente mostra que eu mantinha com *Ele* uma relação que era, praticamente, idêntica à oração. Toda vez que me surgia algum problema, especialmente quando entrava em conflito com outras pessoas, quer em casa quer no trabalho, ou quando me sentia deprimido ou aflito por causa dos negócios, eu costumava buscar apoio, agora o reconheço, nessa curiosa relação em que me sentia preso ao *Ele* cósmico, fundamental. Ele estava do meu lado, ou eu estava ao Seu lado, como quer que lhe apraza dizê-lo, diante do pro-

6. *Pensées d'un Solitaire*, pág. 66.

blema, e isso sempre me fortalecia e parecia dar-me permanente vitalidade sentir-lhe a presença básica e sustentadora. Na realidade, era uma fonte infalível de justiça, verdade e força vivas, para a qual eu me voltava instintivamente em momentos de fraqueza, e que sempre me tirava do meu estado de angústia. Sei agora que eu me empenhara numa relação pessoal, porque nos últimos anos o poder de comunicar-me com *Ele* me deixou, e tenho consciência de uma perda perfeitamente definida. Eu nunca deixava de encontrá-lo quando me voltava para *ele*. Veio depois uma série de anos em que às vezes o encontrava e, às vezes, me sentia totalmente incapaz de fazer conexão entre nós. Lembrou-me de muitas ocasiões em que à noite, na cama, eu não conseguia conciliar o sono em razão das minhas preocupações. Virava-me de um lado e de outro, no escuro, e procurava mentalmente, às apalpadelas, o sentido familiar daquela mente superior à minha, que sempre parecerá estar perto de mim, por assim dizer, fechando a passagem e dando apoio, mas não se estabelecia a corrente eléctrica. Havia ali um branco em lugar d'*Ele*: eu não conseguia encontrar coisa alguma. Agora, beirando os cinquenta anos de idade, meu poder de entrar em conexão com *ele* deixou-me de todo; e sou obrigado a confessar que minha vida perdeu uma grande ajuda. A existência tornou-se-me curiosamente morta e indiferente; e posso ver agora que a minha velha experiência era, com certeza, o mesmo que são as orações para o ortodoxo, só que eu não a chamava por esse nome. O que mencionei como “*Ele*” não era, praticamente, o Incognoscível de Spencer, senão apenas o meu próprio Deus, instintivo e individual, com cuja simpatia mais alta eu contava, mas que, de um jeito ou de outro, acabei perdendo.”

Nada é mais comum nas páginas da biografia religiosa do que o modo com que se alternam as temporadas de fé viva e as de fé difícil. É provável que toda pessoa religiosa tenha a lembrança de crises particulares em que uma visão mais direta da verdade, uma percepção direta, talvez, da existência de um Deus vivo sucedesse à tepidez mais comum da fé. Na correspondência de James Russel Lowell encontra-se breve memorando de uma experiência desse gênero:

“Tive uma revelação na sexta-feira passada, à noite. Eu estava em casa de Mary e falava, por acaso, a respeito da presença de espíritos (da qual, afirmei, tinha frequentemente uma vaga consciência), quando o Sr. Putnam se travou de razões comigo acerca de assuntos espirituais. Enquanto eu falava, todo o sistema se ergueu à minha frente como um vago destino que subia do Abismo. Nunca, até então, eu sentira tão claramente o Espírito de Deus em mim e em torno de mim. Dir-se-ia que toda a sala estivesse repleta de Deus. O ar parecia ondular de um lado para outro com a presença de Alguma Coisa que eu não sabia o que era. Falei com a calma e a clareza de um profeta. Não posso contar-lhes o que foi essa revelação. Ainda não a estudei o suficiente. Mas hei de completá-la num dia destes e vocês a ouvirão e lhe reconhecerão a grandiosidade.”⁷

Aqui está uma experiência mais longa e mais desenvolvida de uma comunicação manuscrita feita por um clérigo — que tirei da coleção de manuscritos de Starbuck:

“Lembro-me da noite e quase me lembro exatamente do lugar, no topo do morro, em que minha alma se abriu, por assim dizer, para o Infinito, e os dois

7. *Letters of Lowell*, i, 75.

mundos, o interno e o externo, pareceram fundir-se num só. Era o abismo chamando o abismo — o abismo que a minha própria luta abria no interior, correpondido pelo insondável abismo exterior, que se estendia além das estrelas. Que-dei-me a sós com Aquele que me fizera, e toda a beleza do mundo, e o amor, e a tristeza e até a tentação. Não O procurei, mas senti a perfeita harmonia do meu espírito com o Seu. Desvaneceu-se o sentido ordinário das coisas à minha volta. Por um momento, nada ficou além de uma alegria e uma exaltação inefáveis. É impossível descrever plenamente a experiência. Dir-se-ia o efeito de alguma grande orquestra, quando todas as notas separadas se fundem numa única harmonia transbordante, que deixa o ouvinte cômico de nada mais a não ser de que sua alma está sendo levada para o alto, quase rebentando de emoção. A perfeita quietude da noite vibrava por efeito de um silêncio mais solene. A escuridão tinha uma presença tanto mais sentida quanto menos visível. Eu não poderia duvidar mais da presença d'Ele ali do que da minha. Na verdade, senti-me, se possível, o menos real dos dois.

Minha fé mais alta e minha idéia mais verdadeira d'Ele nasceram, então, em mim. Tenho subido ao Monte da Visão depois disso e sentido o Eterno ao meu redor. Nunca mais, porém, experimentei o mesmo despertar do coração. Se alguma vez estive frente a frente com Deus, creio que foi nesse momento, quando nasci de novo do seu espírito. Não houve, se bem me lembro, nenhuma mudança súbita de pensamento ou de crença, a não ser que a minha primitiva e grosseira concepção explodira, por assim dizer, numa flor. Não houve destruição do antigo, senão um rápido e maravilhoso desdobrar-se. Desde esse momento, nenhuma discussão que eu tenha ouvido das provas da existência de Deus foi capaz de abalar-me a fé. Tendo sentido uma vez a presença do espírito divino, nunca tornei a perdê-lo por muito tempo. Minha prova mais indubitável da sua existência está profundamente enraizada naquela hora de visão, na lembrança daquela experiência suprema, e na convicção, que me incutiram a leitura e a reflexão, de que alguma coisa parecida ocorreu a quantos já encontraram Deus. Estou ciente de que isso pode, com justeza, ser chamado místico. Não estou tão familiarizado com a filosofia que possa defendê-la dessa ou de qualquer outra acusação. Sinto que, ao escrever sobre ela, sobrearreguei-a de palavras em lugar de expô-la com clareza para o pensamento do leitor. Mas, tal como é, descrevi-a tão cuidadosamente quanto me foi possível fazê-lo”.

Aqui está outro documento, de caráter ainda mais definido, o qual, por ter sido escrito por um suíço, traduzo do original francês.⁸

“Eu gozava de perfeita saúde: estávamos em nosso sexto dia de caminhada, e em bom estado atlético. Tínhamos ido, na véspera, de Sixt a Trient, passando por Buet. Eu não sentia cansaço, nem fome, nem sede, e meu estado de espírito era igualmente saudável. Recebera, em Forlax, boas notícias de casa. Não me afligia nenhum tipo de ansiedade, nem próxima nem remota, pois tínhamos um bom guia, e não havia sequer a sombra de uma incerteza quanto à estrada que deveríamos seguir. A melhor maneira que tenho de descrever o estado em que eu me achava era chamar-lhe um estado de equilíbrio. Eis senão quando experimentei a repentina sensação de estar sendo erguido acima de mim, senti a presença de Deus — conto a coisa exatamente como dela tive consciência — como se a sua bondade e o seu poder me estivessem penetrando de todo em todo. A vibração da emoção foi tão violenta que mal pude dizer aos rapazes que passassem e não esperassem por mim. Sentei-me, então, numa pedra, incapaz de ficar de pé por mais tempo, e meus olhos se inundaram de lágrimas. Agradei a Deus o haver-me ensinado, no curso da minha vida, a conhecê-lo, o haver sustentado minha vida e compadecido não só da criatura insignificante mas também do pecador que eu era. Supliquei-lhe ardentemente que me permitisse consagrar minha existência a

8. Tirei esta comunicação com a permissão do Professor Flournoy, da sua rica coleção de documentos psicológicos.

fazer-lhe a vontade. Senti-lhe a resposta, segundo a qual eu deveria fazer-lhe a vontade dia a dia, na humildade e na pobreza, deixando que ele, o Deus Todo-Poderoso, fosse o juiz da conveniência ou não de eu ser, algum dia, chamado a dar testemunho dele de maneira mais conspícua. Depois, devagarinho, o êxtase deixou-me o coração; isto é, senti que Deus recolhera a comunhão que havia concedido, e pude andar, mas muito devagar, tão vigorosamente ainda me possuía a emoção interior. Além disso, eu chorara sem interrupção por vários minutos, tinha os olhos inchados e não queria que meus companheiros me vissem. O estado de êxtase pode ter durado quatro ou cinco minutos, embora parecesse na ocasião haver durado muito mais. Meus companheiros esperaram por mim dez minutos na encruzilhada de Barine, mas levei cerca de vinte e cinco ou trinta para juntar-me a eles pois, se não me falha a memória, eles me acusaram de haver-lhe atrasado cerca de meia hora. A impressão fora tão profunda que, enquanto subia lentamente o aclave, eu perguntava a mim mesmo se era possível que Moisés no Sinai tivesse tido uma comunicação mais íntima com Deus. Creio dever acrescentar que, no meu êxtase, Deus não tinha forma, nem cor, nem cheiro, nem sabor; além disso, a sensação da sua presença não era acompanhada de nenhuma localização determinada. Era antes como se a minha personalidade houvesse sido transformada pela presença de um *espírito espiritual*. Mas, por mais que eu procure palavras para expressar esse intercâmbio íntimo, mais sinto a impossibilidade de descrever a coisa por qualquer uma de nossas imagens costumeiras. No fundo, a expressão mais capaz de traduzir o que senti é esta: Deus estava presente, embora invisível; não caiu de baixo de nenhum dos meus sentidos e, no entanto, minha consciência o percebeu.”

O adjetivo “místico” aplica-se, o mais das vezes, tecnicamente a estados de breve duração. É manifesto que horas de raptos como as que as duas últimas pessoas descrevem são experiências místicas, sobre as quais ainda te-rei muito que dizer numa próxima conferência. Entrementes, eis, aqui está o registro resumido de outra experiência mística, ou semimística, num espírito evidentemente forjado pela natureza para a piedade ardente. Devo-a à coleção de Starbuck. A senhora que faz o relato é filha de um homem muito conhecido em seu tempo como escritor adversário do Cristianismo. A subitaneidade da conversão mostra muito bem como há de ser ingênuo a certas mentes o sentido da presença de Deus. Conta ela que foi educada na total ignorância da doutrina cristã, mas, estando na Alemanha, persuadida a isso por amigos cristãos, leu a Bíblia, orou e, finalmente, o plano da salvação surgiu-lhe à frente como um jorro de luz.

“Até o dia de hoje”, escreve ela, “não consigo compreender que se possa brincar com a religião e com os mandamentos de Deus. No mesmo instante em que ouvi o grito de meu Pai me chamando, meu coração deu um pulo de reconhecimento. Corri, estendi os braços, gritei: ‘Aqui, aqui estou, Pai’. ‘Oh, criança feliz, o que devo fazer?’ ‘Ama-me’, respondeu meu Deus. ‘Eu o amo, eu o amo’, gritei apaixonadamente. ‘Vem para mim’, chamou meu Pai. ‘Irei’, meu coração pulsava. Acaso parei para fazer uma única pergunta? Nenhuma. Nunca me ocorreu perguntar se eu era suficientemente boa, ou hesitar diante da minha incompetência, ou descobrir o que eu achava da sua igreja, ou ... esperar até me sentir satisfeita. Satisfeita! Eu estava satisfeita. Não havia porventura encontrado meu Deus e meu Pai? Não me amava ele? Não me chamara? Não havia uma Igreja em que eu podia entrar? ... Desde então tenho tido respostas diretas para a oração — tão significativas que é quase o mesmo que falar com Deus e ouvir-lhe a resposta. A idéia da realidade de Deus nunca me deixou nem por um momento.”

Aqui está ainda outro caso, cujo autor é um homem de vinte e sete anos, em que a experiência, provavelmente quase tão característica, é menos vividamente descrita:

“Em muitas ocasiões senti que eu havia provado um período de íntima comunhão com o divino. Essas reuniões chegavam sem que eu as pedisse ou esperasse, e pareciam consistir tão-só na temporária obliteração das convencionalidades que, de ordinário, me cercam e cobrem a vida. ... Uma vez foi quando, do cume de uma alta montanha, olhei à minha frente e vi uma paisagem cortada e ondulada, que se estendia até um longo convexo de oceano que subia para o horizonte, e outra vez do mesmo ponto, quando não me era dado ver nada abaixo de mim a não ser uma extensão sem limites de nuvem branca, em cuja inflada superfície alguns picos mais altos, incluindo aquele em que eu me achava, pareciam mergulhar como se suas âncoras não se fixassem no fundo. O que senti nessas ocasiões foi uma perda temporária de minha própria identidade, acompanhada de uma iluminação que me revelava um significado mais profundo do que o que eu estava acostumado a emprestar à vida. Nisso encontro minha justificativa para dizer que me tenho comunicado com Deus. Está claro que a ausência de um ser como esse significaria o caos. Não posso conceber a vida sem a sua presença.”

A amostra seguinte da coleção de manuscritos do Professor Starbuck pode dar uma idéia do sentido por assim dizer crônico da presença de Deus. Trata-se de um homem de quarenta e nove anos de idade — provavelmente milhares de cristãos sinceros escreveriam um relato quase idêntico ao dele.

“Deus é mais real para mim do que qualquer pensamento, ou coisa, ou pessoa. Sinto-lhe a presença positivamente, e tanto mais quanto mais vivo em íntima harmonia com suas leis tais como estão escritas em meu corpo e em minha mente. Sinto-o no brilho do sol ou na chuva; e um respeitoso temor misturado a uma deliriosa tranquilidade são os termos mais aptos a descrever meus sentimentos. Converso com ele como o faço com um companheiro na oração e no louvor, e a nossa comunhão é deleitosa. Ele responde muitas e muitas vezes, amidade com palavras tão claramente proferidas que tenho a impressão de que o meu ouvido externo deve ter-me trazido o som mas, por via de regra, com fortes impressões mentais. Geralmente é um texto da Escritura que me desvela alguma nova visão dele e do seu amor a mim, do seu zelo pela minha segurança. Eu poderia dar centenas de exemplos, de assuntos escolares, problemas sociais, dificuldades financeiras, etc. A sensação de que ele é meu e de que eu sou dele nunca me deixa e constitui para mim uma alegria permanente. Sem ela a vida seria um branco, um deserto, um ermo sem praias e sem pistas.”

Junto mais alguns exemplos de escritores de idades e sexos diferentes. Foram tirados também da coleção do Professor Starbuck, e o seu número pode ser grandemente multiplicado. O primeiro é de um homem de vinte e sete anos de idade:

“Deus é perfeitamente real para mim. Falo com ele e muitas vezes obtenho respostas. Pensamentos súbitos e distintos de quaisquer outros que já tive me acodem à mente depois de pedir-lhe a orientação. Pouco mais de um ano atrás passei algumas semanas na mais terrível perplexidade. Quando o problema se apresentou pela primeira vez diante de mim fiquei atordado, mas não demorou muito (duas ou três horas) e ouvi distintamente uma passagem da Escritura: ‘Minha graça é suficiente para ti’. Todas as vezes que os meus pensamentos se voltavam para o problema eu ouvia a citação. Não creio que eu tenha, alguma vez, duvidado da existência de Deus, ou deixado que ele se afastasse da minha cons-

ciência. Deus tem intervindo amide nos meus negócios de maneira muito perceptível, e sinto que ele está sempre dirigindo muitos detalhezinhos. Mas em duas ou três ocasiões tem-me dado ordens assaz contrárias às minhas ambições e aos meus planos”.

Outra declaração (não menos valiosa do ponto de vista psicológico por ser decididamente tão infantil), é a de um rapaz de dezessete anos:

“Às vezes, quando vou à igreja, sento-me, participo do serviço e, antes de sair, sinto que Deus esteve comigo, ao meu lado, cantando e lendo os Salmos comigo. ... E volto a sentir que eu poderia sentar-me ao seu lado, envolvê-lo com os braços, beijá-lo, etc. Quando estou tomando a Santa comunhão no altar, tento juntar-me a ele e geralmente sinto-lhe a presença”.

Seguem-se outros casos, a esmo:

“Deus me envolve como a atmosfera física. Ele está mais perto de mim do que a minha própria respiração. Nele, literalmente, vivo, movo-me e tenho o meu ser.”

“Há ocasiões em que pareço estar na sua presença, falar com ele. Respostas a orações têm-me chegado, às vezes, diretas e irresistíveis em sua revelação da presença e dos poderes dele. Momentos há em que Deus parece muito distante mas, nesses casos, a culpa é sempre minha.”

“Tenho o sentido de uma presença, forte e, ao mesmo tempo, meiga, que paira sobre mim. Às vezes parece envolver-me com braços que me sustentam.”

Tal é a imaginação ontológica humana, e tal é o poder de convicção do que ela cria. Seres irretiráveis são concebidos, e concebidos com uma intensidade quase igual à de uma alucinação. Eles determinam nossa atitude vital da forma tão decisiva quanto a atitude vital das pessoas que se amam é determinada pelo sentido habitual, que obseda cada uma delas, da presença da outra no mundo. Quem ama tem notoriamente esse sentido da existência continuada do seu ídolo, até quando sua atenção é dirigida para outros assuntos e ele já não lhe figura os traços. Mas não pode esquecê-la, pois ela o afeta ininterrupta e inteiramente.

Aludi ao poder de convicção dessas sensações da realidade, e preciso entender-me um pouco mais sobre o assunto. Elas são tão convincentes para os que têm como pode sê-lo qualquer experiência sensível direta, e são, em regra geral, muito mais convincentes do que os resultados estabelecidos pela simples lógica. Podemos ser, de fato, inteiramente despojados delas; é provável que mais de um dentre os senhores aqui presentes não as tenha em nenhum grau acentuado; mas se as têm, e as têm rigorosas, a probabilidade é a de que não podem deixar de considerá-las genuínas percepções da verdade, revelações de uma espécie de realidade que nenhum argumento contrário, por menos que os senhores possam responder-lhe com palavras alcançará expelir da sua crença. A opinião oposta ao misticismo, em filosofia, é qualificada, às vezes, de *racionalismo*. O racionalismo insiste em que todas as nossas crenças devem finalmente encontrar para si mesmas bases definíveis. Tais bases, para o racionalismo, consistem em quatro coisas: (1) princípios abstratos definitivamente constáveis; (2) fatos de sensação definidos; (3) hipóteses definidas baseadas nesses fatos; e (4) inferências definidas deduzidas logicamente umas das outras. Impressões vagas de algo indefinido não têm

lugar no sistema racionalístico, o qual, do lado positivo, é seguramente uma esplêndida tendência intelectual, pois não só todas as nossas filosofias são frutos dele, como também a ciência física (entre outras coisas boas) é um resultado seu.

Sem embargo disso, se olharmos para toda a vida mental de um homem, tal como ela existe, ou para a vida dos homens que neles jaz separada do saber e da ciência, e que eles seguem íntima e privadamente, temos de confessar que a parte dela explicada pelo racionalismo é relativamente superficial. É a parte que tem o *prestígio*, sem dúvida, pois tem a localidade, pode desafiá-los a apresentar provas, argumentar e demoli-los com palavras. Mas, de qualquer maneira, não vingará convencê-los nem conveté-los, se as suas intuições se opuserem à conclusões dela. Se os senhores possuem intuições, estas provêm de um nível mais profundo da sua natureza do que o nível loquaz habitado pelo racionalismo. Toda a sua vida subconsciente, seus impulsos, suas crenças, suas necessidades, suas adivinhações, prepararam as premissas, de cujo resultado a sua consciência sente agora o peso; e alguma coisa nos senhores *sabe*, de maneira absoluta, que esse resultado há de ser mais verdadeiro do que qualquer argumentação racionalística, por mais inteligente que seja, que possa contraditá-lo. A inferioridade do nível racionalístico é tão manifesta quando o racionalismo argúi em favor da religião do que quando argúi contra ela. A vasta literatura das provas da existência de Deus tiradas da ordem da natureza, que há um século parecia tão irresistivelmente convincente, hoje em dia pouco mais faz do que juntar poeira nas bibliotecas, pela simples razão de que a nossa geração deixou de acreditar na espécie de Deus em cujo favor ela argumentava. Seja qual for a espécie de ser que Deus é, *sabemos* hoje que ele já deixou de ser o mero inventor externo de "artifícios" destinados a pôr de manifesto a sua "glória", em que tanto se compraziam os nossos antepassados, embora o modo exato com que o sabemos não nos seja possível elucidar com palavras, nem aos outros nem a nós mesmos. Desafio qualquer um dos senhores a explicar plenamente a sua persuasão de que, se existe um Deus, ele há de ser um personagem mais cósmico e mais trágico do que aquele Ser.

A verdade é que, na esfera metafísica e religiosa, as razões definíveis só são irresistíveis para nós quando nossos sentimentos indefiníveis da realidade já foram impressionados em favor da mesma conclusão. Então, com efeito, nossas intuições e nossa razão trabalham juntas, e grandes sistemas capazes de governar o mundo, como o da filosofia budista ou o da filosofia católica, podem medrar. Nossa crença impulsiva é sempre o que ergue o corpo original da verdade, e a nossa filosofia definitivamente verbalizada é apenas a sua aparatosa tradução em fórmulas. A segurança desarrazoada e imediata é o que há de profundo em nós; o argumento razoado não passa de uma exibição superficial. O instinto conduz, a inteligência acompanha. Se uma pessoa sente a presença de um Deus vivo à maneira descrita pelas minhas citações, os argumentos críticos de outros, por superiores que sejam, debalde buscarão alterar-lhe a fé.

Façam, porém, o favor de observar que ainda não estou dizendo que é *melhor* que o subconsciente e o não-racional detenham a primazia no reino religioso. Limite-me, tão-somente, a assinalar que assim é.

Isso basta pelo que respeita ao nosso sentido da realidade dos objetos religiosos. Seja-me permitido dizer agora uma palavra sobre as atitudes que eles despertam caracteristicamente.

Já concordamos em que elas são *solenes*; e temos razões para pensar que a mais característica é a espécie de alegria que pode resultar em casos extremos de total entrega de si mesmo. O sentido do tipo de objeto ao qual se faz a entrega é muito importante para determinar a natureza precisa da alegria; e todo fenômeno é mais complexo do que o permitido por qualquer fórmula simples. Na literatura sobre o assunto, enfatizaram-se a tristeza e o contentamento, cada qual por seu turno. O antigo dito, segundo o qual o primeiro criador dos Deuses foi o medo, recebe volumosa corroboração de todas as eras da história religiosa; mas, apesar disso, a história religiosa mostra a parte que a alegria tem tido sempre a representar. Às vezes, a alegria se mostra primária; às vezes, secundária, resultando do júbilo de haver-se libertado do medo. Sendo o mais complexo, esse último estado de coisas é também o mais completo; e, à proporção que prosseguirmos, creio que temos razões bastantes para recusar-nos a deixar de fora tanto a tristeza como a alegria, se olharmos para a religião com a amplitude de espírito que ela exige. Enunciada nos termos mais completos, a religião do homem envolve tanto os estados mentais de contração quanto os estados mentais de expansão do ser. Mas a mistura quantitativa e a ordem desses estados mentais variam tanto de uma época do mundo, de um sistema de pensamento e de um indivíduo para outro, que podemos insistir não só no pavor e na submissão, mas também na paz e na liberdade como a essência da matéria, e ainda permanecer materialmente dentro dos limites da verdade. O espectador constitucionalmente taciturno e o constitucionalmente sanguíneo enfatizarão aspectos opostos daquilo que têm à sua frente.

A pessoa religiosa de constituição taciturna faz até da sua paz religiosa uma coisa muito solene. O perigo ainda paira no ar em torno dela. A flexão e a contração não estão totalmente controladas. Seria coisa de pardal e de criança, depois da libertação, explodir em risos excitados e em cabriolas, e esquecer completamente o gavião no galho. Prostrai-vos, prostrai-vos, pois estais nas mãos de um Deus vivo. No Livro de Jó, por exemplo, a impotência do homem e a onipotência de Deus são os pensamentos dominantes da mente do autor. "É tão alto quanto o céu; que podes fazer? — é mais fundo que o inferno; que podes saber?" Há um sabor adstringente na verdade desta convicção que alguns homens poderão sentir, e que para eles é a maior aproximação que se pode fazer do sentimento de alegria religiosa.

"Em Jó, diz o escritor friamente veraz, autor de *Mark Rutherford*, "Deus nos lembra que o homem não é a medida da sua criação. O mundo é imenso e foi construído segundo um plano ou uma teoria que o intelecto do homem não pode apreender. É *transcendente* em toda parte. Este é o teor de cada versículo, e o segredo, se é que há algum, do poema. Suficiente ou insuficiente, não há mais nada. ... Deus é grande, não conhecemos os seus desígnios. Ele tira de nós tudo que temos mas, se possuírmos nossas almas com paciência, *poderemos* transpor o vale das sombras, e sair de novo à luz do sol. Poderemos ou não poderemos! ... Que temos nós para dizer agora dos aguaceiros além do que Deus já disse, há mais de dois mil e quinhentos anos?"⁹

Se nos voltarmos para o espectador sanguíneo, por outro lado, verificaremos que a libertação só será julgada completa depois que o sofrimento for de todo superado e o perigo esquecido. Esses espectadores nos dão defi-

9. *Mark Rutherford's Deliverance*, Londres, 1885, págs. 196, 198.

nições que, para as mentes taciturnas de que falávamos há pouco, parecem deixar de fora toda a solenidade que torna a paz religiosa tão diferente das alegrias meramente animais. Na opinião de alguns autores, uma atitude pode ser capitulada de religiosa, embora nenhum toque tenha ficado nela de sacrifício ou submissão, nenhuma tendência para a flexão, nenhuma inclinação da cabeça. Toda "admiração habitual e regulada", diz o Professor J. R. Seeley,¹⁰ "merece chamar-se religião"; e, conseqüentemente, ele acha que a nossa Música, a nossa Ciência e a nossa pretensa "Civilização", tal como estão agora organizadas e com a admiração que lhes são dedicadas, formam a religiões mais autênticas do nosso tempo. Não há dúvidas que a maneira decidida e irracional com que sentimos dever infringir nossa civilização a raças "inferiores", por meio de metralhadoras Hotchkiss, etc., nos recorda nada menos que o espírito primitivo do Islamismo difundindo sua religião pela espada.

Em minha última conferência citei para os senhores a opinião ultra-radicar do Sr. Havelock Ellis, de que toda espécie de riso deve ser considerada um exercício religioso, pois dá testemunho da emancipação da alma. Citei essa opinião para negar-lhe a exatidão. Cumpre-nos agora, porém, saldar nossas contas mais cuidadosamente com esse jeito otimista de pensar. Este é um problema tão complexo que não pode ser decidido de improviso. Proponho, portanto, que façamos do otimismo o tema das duas próximas conferências.

Se da v
alcançar,
maioria d
fazem e
de ética
e infelici
mais na
de parece
samos ir
todo entu
ficar o n
que qualc
siste na a
cisamos t
mentar a
sos camir
quando o
zes aconte
Com
preendent
nada por t
mem senti
essa tem c
mente, é
homem coi

ser e)
pela c
ras pi
totaln
sentin
mas t
ma oi
ponto

10. Em seu livro (muito pouco lido, receio eu), *Natural Religion*, 3ª edição, Boston, 1886, págs. 91, 122.